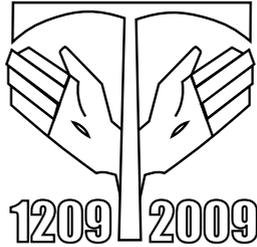


OFM



IDE E ENSINAI

DIRETRIZES GERAIS PARA A EDUCAÇÃO FRANCISCANA

**COORDENADO PELO
SECRETARIADO PARA O EVANGELIZAÇÃO**

ROMA 2009

APRESENTAÇÃO

A educação é considerada pela Igreja e pela Ordem como uma plataforma fundamental e privilegiada de evangelização e, também, como um meio imprescindível para garantir, dentro do pluralismo cultural, a presença do pensamento cristão. Por esta razão, se queremos ser fiéis às esperanças da sociedade, da Igreja e da Ordem, não podemos nem devemos renunciar a tão significativo e urgente trabalho de nossas instituições educativas.

A educação que se dá em nossos Centros educativos se inscreve em um contexto histórico e cultural em mudanças e, por isso mesmo, cheio de grandes e iniludíveis desafios. Esta realidade nos interpela constantemente e, ao mesmo tempo, nos conduz a esclarecer e precisar melhor a visão antropológica e pedagógica franciscana, a participação dos Agentes da educação e as mediações que se devem utilizar na consecução das metas propostas.

O horizonte cultural, nesta mudança de época, está caracterizado principalmente pelos fenômenos da globalização, do urbanismo, das novas relações familiares e sociais e pela gestação e afirmação de uma nova ética. Um mundo em que a diversidade e a pluralidade cultural, étnica, política, econômica e religiosa se transformaram em um espaço vital de encontro, de convivência e de diálogo ecumênico e inter-religioso, tendo como base o respeito mútuo e o compromisso por construir uma sociedade mais justa e solidária.

Dentro deste contexto cultural, as Instituições educativas franciscanas estão convidadas a desenvolver uma visão antropológica que se inspire no rico patrimônio teológico, filosófico e místico da espiritualidade franciscana, complementada pelas contribuições atuais da antropologia física e cultural. A partir desta perspectiva, a pessoa se revela como um núcleo de relações com a natureza, com os seres humanos, com Deus e consigo mesma, como um ser único e irrepetível em sua essência e existência, como uma unidade integral de múltiplas dimensões e como um ser histórico que se constrói no marco da liberdade e

Tradução: Frei Celso Márcio Teixeira ofm

Curia generale dei Frati Minori
Via Santa Maria Mediatrice, 25
00165 - Roma - ITALIA

www.ofm.org

Impaginazione e grafica: John Abela - Ufficio Comunicazioni OFM - Roma

da responsabilidade. Estas características manifestam também a necessidade imperiosa de contar com algumas orientações pedagógicas e algumas linhas de ação programáticas que possibilitem a realização dos valores humanos, cristãos e franciscanos nas diversas dimensões: físicas, psíquicas, sociais e espirituais da pessoa.

Nesta tarefa educativa intervêm diversos agentes ou sujeitos com papéis e funções muito bem diferenciados e, ao mesmo tempo, complementares. A educação seria quase impossível sem o protagonismo dos educandos, o acompanhamento personalizado dos docentes religiosos e leigos, a sábia direção do pessoal administrativo, a generosa colaboração do pessoal dos serviços gerais, a participação ativa da família, a contribuição dos ex-alunos e o apoio pastoral e jurídico da Entidade à qual pertencem nossas Instituições educativas. Cada um deles está convidado a colocar suas melhores aspirações e sonhos, sua criatividade, seu trabalho e profissionalismo para consolidar a visão cristã e franciscana do ser humano.

A visão antropológica franciscana e as ações dos agentes da educação ficariam em simples enunciados ou em práticas isoladas, se não se contasse com algumas mediações apropriadas que lhes deem sentido e unidade. Por esta razão, é necessário que cada Centro de educação franciscana elabore um Projeto educativo institucional, promova a formação permanente do corpo docente, administrativo e de serviços gerais e possua algumas estruturas adequadas de animação da Pastoral, tendo como ponto de referência os valores do evangelho vividos e propostos pelo Carisma franciscano.

Estimados educadores, religiosos e leigos, ao deixar em vossas mãos estas Diretrizes gerais para a Educação Franciscana, desejo agradecer-lhes por tudo o que fazeis em benefício das crianças, dos jovens e dos adultos que frequentam nossos Centros educativos. Convido-vos a colocar Cristo e seu Evangelho no centro de vossas vidas para que sejais testemunhas da verdade e do bem. Continuai formando com sabedoria e paixão personalidades fortes, capazes de resistir ao relativismo debilitante e de viver com coerência a vocação cristã; personalidades que, em um espírito de diálogo, contribuam de um modo original e positivo para a edificação da cidade terrena. Que Jesus Cristo, o Mestre por antonomásia, vos acompanhe e guie em vosso compromisso

de educar a pessoa em todas as suas dimensões a partir do legado de Francisco de Assis e de tantos Mestres e Mestras que dedicaram suas vidas a tão importante modo de evangelizar.

Desejo terminar esta apresentação, exteriorizando minha sincera e profunda gratidão a todos os religiosos e leigos que colaboraram com tanto esmero na preparação destas Diretrizes gerais. Meu reconhecimento e meu apreço muito particular a Frei Nestor Scherz, Secretário geral para a Evangelização, a Frei Joaquim Echeverry, Animador geral da Pastoral educativa, por sua assídua dedicação à animação e coordenação das múltiplas iniciativas neste campo educativo, e a Frei Luis Cabrera, Definidor geral, por seu interesse e ativa participação na elaboração deste subsídio para a Educação Franciscana.

Que o Senhor vos abençoe sempre com o dom da Paz do Bem.

Roma, 02 de fevereiro de 2009

Solenidade da Apresentação do Senhor

Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral

INTRODUÇÃO

O mandato de Jesus a seus discípulos de ir e ensinar os povos, “baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”¹, inaugura a missão da Igreja de anunciar a Boa Nova a todos os homens. Uma missão realizada, ao longo da história, através dos mais diversos meios, métodos e modalidades.

No centro da evangelização, sem dúvida alguma, encontra-se a pessoa de Cristo. Paulo VI recorda-nos que “não há verdadeira evangelização, se o nome, o ensinamento, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não são proclamados”². João Paulo II, no início do terceiro milênio, também nos convida a partir novamente de Cristo, conscientes de que “não nos salvará uma fórmula, mas uma Pessoa e a certeza que ela nos dá”³. O anúncio da pessoa de Cristo, deste modo, transforma-se no elemento constitutivo e principal de toda Evangelização.

Neste contexto de anúncio da pessoa de Cristo, a Igreja promove e sustenta a atividade educativa como um dos espaços e meios privilegiados para encarnar o evangelho nas culturas, de acordo com suas fisionomias particulares e próprias.

A Ordem dos Frades Menores, por sua parte, quase desde suas origens, reconheceu que sua vocação essencialmente evangelizadora exigia dela ocupar-se também da tarefa educativa. Atividade que se concretizou, de uma maneira muito especial, nas Universidades e, depois, nas chamadas terras de missão⁴. Pois, nelas, junto à casa e ao templo, os irmãos construam, regularmente, uma escola ou um centro de for-

ABREVIATURAS

Mt	Evangelho de São Mateus
Jo	Evangelho de São João
Fl	Carta aos Filipenses
LG	<i>Lumen Gentium</i> , Constituição dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II, 1964.
GE	<i>Gravissimum Educationis</i> , Declaração sobre a Escola Católica, Concílio Vaticano II, 1965.
EN	<i>Evangelii nuntiandi</i> , Exortação apostólica de Paulo VI, 1975.
FC	<i>Familiaris Consortio</i> , Exortação apostólica de João Paulo II, 1981.
VC	<i>Vita Consecrata</i> , Exortação apostólica de João Paulo II, 1996.
NMI	<i>Novo Millennio Ineunte</i> , Carta Apostólica de João Paulo II, 2001.
CC	<i>Caminhar desde Cristo Un renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio</i> , Instrução, Roma 2002.
CCGG	<i>Constituições gerais</i> , Roma 2004.
EEGG	<i>Estatutos gerais</i> , Roma 2004.
RS	<i>Ratio Studiorum</i> , Roma 2001.
RFF	<i>Ratio Formationis Franciscanae</i> , Roma 2003.
Sdp	<i>O Senhor vos dê a paz</i> , Documento do Capítulo geral, Roma 2003.
Prioridades	<i>Seguidores de Cristo a serviço de um mundo fraterno</i> . Guia para o aprofundamento das prioridades da Ordem dos Frades Menores (2003-2009), Roma 2004.
Sfc	<i>O Senhor nos fala no caminho</i> , Documento do Capítulo geral extraordinário, Roma 2006.
FP08	<i>Fostes chamados à liberdade</i> . A Formação permanente na Ordem dos Frades Menores, Roma 2008.

1 *Mt* 28, 19.

2 *EN* 22.

3 *NMI* 29.

4 Esta prática foi uma das características das principais reformas que aconteceram na Ordem, como a Observância e a Alcantarina.

mação⁵. Na atualidade, a Ordem presta um serviço de investigação e de docência em diversos níveis de educação (elementar, secundária e universitária), com suas múltiplas modalidades (formal e não formal, educação oficial e particular, rural e urbana) e segundo as culturas e as políticas educativas de cada região ou país⁶.

Esta atividade educativa permite colocar as bases do que hoje se denomina diálogo intercultural e inter-religioso. Uma realidade que nos leva a “recuperar com espírito crítico as grandes tradições filosóficas, teológicas, místicas e artísticas de nosso patrimônio franciscano, como sustentáculo de nossa missão de pregar o evangelho por palavra e obras, no meio da cultura contemporânea”⁷.

Embora as Constituições gerais não falem abertamente da pastoral educativa, no entanto, indicam que “todas as atividades orientadas a promover o ministério de evangelização, as quais o povo de Deus deve realizar e que são compatíveis com nosso estado de fraternidade e minoridade, podem ser assumidas por nossa Ordem”⁸. E entre estas, por suposição, se encontram as atividades intelectuais e as educativas. De fato, os Estatutos gerais, concretizando esta orientação, afirmam de uma maneira mais precisa: “promova-se oportunamente o apostolado da educação da juventude, também nas escolas, de modo que se formem adequadamente os leigos para o serviço da Igreja e da socie-

5 Nestes centros de estudos, se ensinavam idiomas, ciências naturais, oratória e, de um modo particular, a arte da pintura, do canto e da escultura. Desta última nasceram, em várias partes, as grandes escolas da arte religiosa, cuja finalidade não era outra que a de evangelizar e catequizar. Tal foi a importância da arte religiosa que foi denominada o evangelho pictórico dos pobres. Estes fatos podemos comprovar nos grandes templos e museus de arte presentes em quase todos os Continentes. Além disso, foram elaboradas muitas gramáticas e dicionários das línguas vernáculas. É necessário recalcar que os irmãos que chegaram, por exemplo, nas missões da América Latina, no século XV, possuíam uma excelente formação acadêmica e gozavam de uma grande fama de santidade.

6 África: Centros, 34; irmãos, 65. América Latina: Centros, 162; irmãos, 195. Ásia: Centros, 41; irmãos, 93; Europa: Centros, 44; irmãos, 236 (incluídos os do Antonianum). Oceania e Austrália: Centros 1; irmãos, 5. EEUU: Centros, 19; irmãos, 80 (cf. Estatística, 2004. *Informe ao Definitório geral*).

7 *Sf* 13.

8 *CCGG* 111.

dade humana e se fomentem as vocações eclesiais e religiosas”⁹. As prioridades da Ordem para o sexênio 2003-2009, valorizando de um modo explícito o apostolado da educação, apontam: “Prestem os irmãos especial atenção à evangelização dos jovens. As entidades que têm colégios ou dirigem centros educativos ofereçam aos jovens uma formação inspirada nos valores evangélicos e franciscanos”¹⁰.

Para tornar viável esta prioridade, o Governo geral achou conveniente, em coordenação com a Secretaria geral para a Evangelização, animar a Pastoral Educativa. Entre as principais iniciativas que se realizaram, estão os vários congressos continentais e os encontros regionais e locais dos educadores franciscanos. Atividades que ajudaram a recuperar a memória histórica e a refletir sobre a tarefa evangelizadora nos Centros educativos franciscanos situados nos diversos contextos culturais.

Neste caminho de reflexão, se evidenciou a urgente necessidade de contar com algumas Diretrizes gerais para a Educação Franciscana que ajudem a definir, de um modo claro e coerente, a concepção de pessoa e de sociedade que se quer construir a partir da identidade e da missão do Carisma Franciscano.

O propósito deste subsídio, cujos destinatários são particularmente os Educadores franciscanos, tanto religiosos como leigos, é indicar os principais elementos teológicos, antropológicos e pedagógicos. Estes elementos, logicamente, deverão ser concretizados nos Projetos educativos institucionais dos Centros educativos franciscanos, levando em conta as particularidades históricas, sócio-culturais, políticas, econômicas e religiosas das diversas regiões.

Estas Diretrizes gerais estão organizadas em quatro breves capítulos: 1) os desafios atuais da educação; 2) a visão antropológica e pedagógica franciscana; 3) os agentes da educação; e 4) as mediações da educação. Igualmente, para facilitar sua aplicação, são indicadas algumas orientações pedagógicas e linhas de ação.

9 *EEGG* 57.

10 *Prioridades*, proposta 12, p. 35.

SECRETARIADO PARA O EVANGELIZAÇÃO



DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO

DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO FRANCISCANA

IDE E
ENSINAI



DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO
FRANCISCANA

Os Centros educativos franciscanos desenvolvem sua missão evangelizadora nos diversos contextos sociais e culturais dos povos. Em cada um deles, se comprometem na promoção da pessoa e na construção de uma sociedade que torne possível a prática da liberdade, a igualdade, a verdade, a justiça, a solidariedade e a paz, entre outros valores, interpretados e vividos a partir do Carisma franciscano.

É uma certeza que estamos vivendo não somente uma época de mudanças, mas também uma mudança de época, marcada por outros paradigmas ou modelos de pessoa, de família e de sociedade e, conseqüentemente, de sistemas educativos. Nossa opção fundamental de viver e anunciar o evangelho, por isso mesmo, se encontra imersa nestas mudanças significativas, o que exige uma séria revisão de nossa missão “e ousadia de ensaiar caminhos inéditos de presença e testemunho”¹¹.

No entanto, não basta constatar estas mudanças; é necessário perguntar-se pelos agentes da mesma, por seus interesses e projetos. Sem fazer isto, corre-se o risco de permanecer como simples espectadores, esperando passivamente uma ação para reagir. E trata-se antes de adiantar-se ao futuro, mediante alternativas válidas ou de tomar nas mãos o dinamismo próprio destas mudanças em que estamos.

Por outra parte, o avanço dos meios de comunicação e, particularmente, a migração dos povos de um país a outro ou de uma região a outra colocam em relevo o novo contexto no qual nos desenvolvemos: a diversidade e a pluralidade cultural, étnica, racial, linguística, religiosa, social, política e econômica. Um espaço vital com oportunidades e ameaças, possibilidades e limitações. Um novo contexto histórico que exige de nós entrar em um processo de permanente discernimento, tendo como guia o patrimônio doutrinário e pedagógico dos pensadores franciscanos.

As Instituições educativas franciscanas, por sua parte, também se veem afetadas por esta problemática e pelas contínuas mudanças do sistema educativo que, muitas vezes, são condicionadas pelas ideologias ou pelos Governos de turno, os quais nem sempre contam com uma Política educativa estável. Esta situação mostra, uma vez mais,

¹¹ Sfc 33.

que a educação não é uma tarefa fácil para a família, a escola, a Igreja e a sociedade.

Eis aqui, então, o primeiro desafio para a educação franciscana: Como propor, com clareza, criatividade e audácia, às gerações atuais, um novo paradigma de relação com a natureza, com os homens, com Deus e consigo mesmo?

Entre as realidades que desafiam a educação franciscana, encontramos as seguintes:

1. A globalização

Assistimos ao fenômeno da mundialização em vários campos da existência humana. O universo transforma-se cada vez mais em uma pequena aldeia, um lugar onde a informação circula com maior facilidade e os líderes sociais, políticos e econômicos se encontram com mais frequência para avaliar e elaborar seus novos projetos estratégicos. Este processo de globalização também se manifesta no âmbito familiar, social e cultural: as famílias configuram-se de outra maneira, a convivência com as diferentes culturas transforma-se em um imperativo, os grupos emergentes de jovens já não formam um todo homogêneo, crescem as possibilidades para o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural, entre outros fenômenos.

Os progressos da ciência e da técnica, os espaços abertos pela informação e pela comunicação universal¹² e a superação dos preconceitos religiosos, por outra parte, lançam-nos em um universo prodigioso e desconhecido. Uma realidade que nos permite constatar “que, junto das ricas diferenças e distâncias geográficas, nossos povos já não vivem isolados uns dos outros, mas imbricados no complexo tecido do intercultural, do inter-religioso e da intercomunicação imediata que

12 “Nossas vidas estão permanentemente afetadas pelo que ditam e promovem os meios de comunicação social, mais ainda, até as dimensões mais íntimas de nossa vida são material para a cenografia e o consumo públicos” (*Sdp* 16). Por isso, “aumenta na sociedade civil a exigência de uma ética dos meios, a fim de que estes não sejam somente rastreadores das misérias humanas, mas ofereçam imagens reais de justiça, de paz e de salvaguarda da criação e contribua para criar uma esperança de alcance e significatividade globais” (*Sdp* 18).

caracterizam, entre outros fatores, nossa sociedade globalizada¹³.

Igualmente, este processo de globalização coloca a descoberto as abissais e injustas diferenças econômicas que se dão entre os povos e dentro de cada sociedade¹⁴. O novo culto ao consumismo e a idolatria do mercado produzem suas vítimas entre os excluídos e empobrecidos, inclusive na própria natureza. Por isso, diante desta situação, “cresce a urgência de uma revalorização da rica diversidade cultural de nossos povos; diante do advento do mercado global e de suas alianças com a tecnologia, se buscam possibilidades para criar redes de comunicação que beneficiem a interdependência dos bens e recursos com vistas a uma vida digna para todos, especialmente para os mais pobres; consolida-se a consciência global de que a paz tão sonhada não se dará sem justiça nestes níveis”¹⁵.

2. O urbanismo

O movimento migratório, tanto do campo e das cidades pequenas às grandes metrópoles como de uns países a outros, fez com que as cidades cresçam de uma maneira rápida, desmedida e até caótica. Basta olhar as estatísticas destes últimos anos para ter uma ideia de como se desenvolveram as cidades em todas as suas dimensões¹⁶.

Este fenômeno social, por um lado, abre a possibilidade de novos encontros, interações e relações familiares, culturais e religiosas. Mas, por outro, gera áreas marginais onde se situam os habitantes de menores recursos. Causa dor a presença de “povos inteiros que se veem obrigados a emigrar sem a promessa de uma verdadeira mudança para suas vidas”¹⁷. Um processo migratório que produz uma explosão demográfica nas cidades, mas que não deve ser vista só em termos quantitativos, mas a partir dos desequilíbrios que gera para as estruturas

13 *Sfc* 4.

14 A globalização é uma realidade ambivalente. Globalizaram-se não somente a tecnologia e a economia, mas também a insegurança e o medo, a criminalidade e a violência, a injustiça e a guerra (cf. *CC* 1).

15 *Sdp* 11.

16 Nos Continentes da América, Ásia e Oceania, por exemplo, de 70 a 80% da população estão concentrados nas grandes cidades. Existem populações com 10, 15 e até 20 milhões de habitantes.

17 *Sfc* 5.

da sociedade. Uma situação que coloca novos desafios à possibilidade de atender as demandas educativas.

Esta nova conformação urbana questiona, certamente, os sistemas educativos vigentes tanto em seus conteúdos como em seus métodos formativos. Não é possível, por isso mesmo, continuar formando as novas gerações à margem deste fenômeno da urbanização que, hoje em dia, constitui um marco referencial inevitável.

3. As relações familiares

A realidade familiar e social continua mudando substancialmente. O índice de natalidade tende a decrescer, especialmente nas sociedades que gozam de um suficiente bem-estar econômico. Paradoxalmente, no caso contrário, a excessiva carga familiar e a falta de orientação se manifestam não só nas carências materiais, mas também na falta de capacidade para assumir uma paternidade responsável. Do mesmo modo, do modelo familiar patriarcal se passa a um sistema mais nuclear e, inclusive, unitário. Os sistemas trabalhistas, por sua parte, impõem um ritmo frenético de vida e, como consequência, reduzem as possibilidades/ oportunidades para fortalecer as relações entre pais e filhos.

Esta situação implica ou traz como consequência a geração de tensões e fraturas entre os próprios membros de uma família e afeta, obviamente, as tradições e os valores das gerações anteriores, particularmente o conceito de liberdade, que entram em conflito com a sensibilidade e a subjetividade das novas. Por esta razão, “se torna difícil transmitir de uma geração a outra algo válido e certo, regras de comportamento, objetivos credíveis em torno dos quais construir a própria vida”¹⁸.

Nesta sociedade pluralista, as relações de geração, em determinadas circunstâncias, podem conduzir também ao cepticismo e à desorientação, sobretudo quando não se colocam as bases mínimas para uma livre e responsável convivência.

18 Bento XVI, *Carta à Diocese de Roma “sobre a tarefa urgente da educação”* (21 de Janeiro de 2008).

4. Uma nova ética

Os fenômenos mencionados repercutem na escala de verdades e de valores que sustentam as atitudes e os comportamentos de vida das gerações atuais. Ao modificar-se a imagem e os papéis da família, da Igreja, da sociedade e da escola, os estilos de vida também mudam de rumo, tanto que nem sempre estão em sintonia com a proposta de nossos Centros educativos. Daqui surge, espontaneamente, uma pergunta: como educar em uma cultura “light” que se sustenta no “valor” do imediato e do passageiro e que vai de um extremo a outro, da euforia ao conformismo, colocando em risco a identidade da pessoa?

Esta realidade nos leva a recolocar o sistema e a escala de valores sobre os quais se estabelecem as normas éticas e morais de uma sociedade cada vez mais diversificada e pluralista, em todos os seus aspectos. “Diante de um sistema que pretende autorregular-se sem critérios éticos, surgem profundas reflexões em busca de uma ética mundial que parta do respeito à dignidade inviolável da pessoa humana e seja capaz de garantir um mínimo de justiça para todos”¹⁹. Um sistema de valores que se oriente para a construção da paz, tendo como condições básicas a prática da justiça e da solidariedade entre os seres humanos e o respeito da natureza como casa de todos²⁰.

Esta situação nos leva a realizar um discernimento em uma dupla perspectiva: por uma parte, tomar consciência dos esquemas pessoais e sociais que se opõem à vida, para denunciá-los e contribuir para sua superação; e, por outra, abrir os olhos da fé e da esperança para detectar, no meio das crises, os sonhos emergentes da humanidade, abrir-lhes leitos em nossa própria vida e antecipar assim o Reino proclamado e vivido por Jesus Cristo”²¹.

19 *Sdp* 11.

20 Consideramos esta crise ética “como um instante de graça para desenvolver uma nova ética da vida, uma ética de coerência que supere a fragmentação, mediante a harmonização e a integração: pensamentos e obras, oração e ação, palavra e compromisso, fé e vida, as aspirações do coração à fé e a esperança e sua encarnação em formas visíveis – ações, ritos, estruturas” (*Sdp* 19).

21 *Sdp* 7. “Nossas fraternidades e nossos lugares de trabalho têm o desafio ético de ser sinais sedutores de outro caminho de convivência e relação; aquele que conduz à plenitude da vida pela senda do diálogo” (*Sdp* 31).

Diante destes desafios, a educação continua sendo uma chave de suma importância para melhorar a vida dos indivíduos e das sociedades. Neste sentido, a vida consagrada, tendo como referência seu “rico patrimônio de tradições educativas acumuladas através do tempo”, pode “dar vida a ambientes educativos impregnados do espírito evangélico de liberdade, justiça e caridade, nos quais se ajudem os jovens a crescer em humanidade sob a guia do espírito, propondo ao mesmo tempo a santidade como meta educativa para todos, professores e alunos”²².

A educação, deste ponto de vista, não considera o estudante como um simples receptor de conhecimentos que o professor transmite nem tampouco como um objeto da ação formativa, mas como um sujeito ativo de sua própria formação e aprendizagem. Esta atitude o leva a partir do específico, do universo cultural e social dos jovens. Uma atitude que permite descobrir as implicações e as consequências que têm os conhecimentos científicos, humanísticos, artísticos e econômicos tanto neles e na vida de seus semelhantes como no entorno natural no qual estão aplicados. Uma educação, portanto, que ensine a ler e a escrever a realidade, a interpretá-la e a agir sobre ela, com um espírito crítico-construtivo. Uma educação, além do mais, que questione se os Centros educativos estão ou não servindo a esta sociedade e, de maneira especial, aos mais pobres em seus aspectos culturais, sociais, familiares, religiosos e econômicos.

A crise ética, cultural, existencial e econômica que a sociedade padece, por conseguinte, não encontrará solução nas ofertas técnicas e econômicas, mas em uma mudança profunda de atitudes. É aqui que a educação franciscana pode e deve propor como alternativa antropológica um modelo de pessoa que seja aberta ao transcendente e portadora de uma dignidade que a constitui em um absoluto diante dos objetos e que, por isso mesmo, não se pode manipular, objetivar nem enganar²³.

²² CC 39.

²³ “No tempo de crise de fé e de crise de ética em que vivemos, precisamos, mantendo-nos fiéis a nossa época, voltar às fontes de nossa tradição iluminada por seus santos, por seus líderes, por seus mestres espirituais, intelectuais e evangelizadores” (*Sdp* 46).

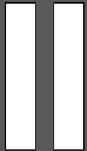
SECRETARIADO PARA O EVANGELIZAÇÃO



VISÃO ANTROPOLÓGICA E PEDAGÓGICA FRANCISCANA

DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO FRANCISCANA

IDE E
ENSINAI



DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO
FRANCISCANA

Como irmãos menores, a partir do horizonte do labor educativo, partilhamos o compromisso da Igreja na construção do mundo. Somos conscientes de que esta promoção social, realizada com espírito evangélico, constitui a expressão e o sinal da presença do Reino de Deus em nossa sociedade. Uma tarefa que nos leva a aprofundar na visão antropológica e pedagógica elaborada pelos Mestres e Mestras franciscanos, convencidos de que “no mistério da Encarnação estão as bases para uma antropologia que é capaz de ir além de seus próprios limites e incoerências para com Jesus, o homem novo”²⁴.

O pensamento franciscano coloca em relevo algumas características antropológicas que nos oferecem, especialmente, a teologia bíblica e a filosofia sistemática. Entre elas, nos indica que o homem é uma criatura relacional, única, integral e histórica.

1. A pessoa como relação

A pessoa revela-se não como um ser solitário, autossuficiente nem absoluto²⁵, mas como um centro ou um núcleo de relações com o mundo, os homens, o Transcendente e consigo mesmo. Estas relações se interagem e se integram na promoção do crescimento do ser humano. O conceito de pessoa como centro de relações, então, permite articular e potencializar melhor o desenvolvimento das diversas dimensões do ser humano.

Francisco de Assis, a partir desta perspectiva, é um modelo de integração consigo mesmo e com os outros. De fato, “a forte experiência de Deus como pai e sumo bem... o levou a uma atitude de agradeci-

²⁴ CC 39.

²⁵ São Boaventura retoma a definição de pessoas de Boécio como “substância individual de natureza racional” e completa-a com o de *relação*. Aponta que se trata de um “constitutivo essencial”, tanto que os conceitos de substância e de relação se identificam. De um ser-em-si, passa ao ser-com-outros e para-os-outros. O homem, deste modo, encontra-se projetado para o mundo, para os outros, para Deus e para si mesmo. É importante recordar que o conceito de pessoa como relação primariamente teve um significado teológico e somente mais tarde e por derivação foi aplicado ao ser humano (cf. AAVV., *Manual de Filosofia franciscana*, BAC, Madrid 2004, 180-181).

mento e de louvor ao Criador por suas maravilhas e o fez irmão de todos os homens e de todas as criaturas”²⁶.

A formação, em nossas Instituições educativas, promove principalmente as relações com a natureza, com os homens, com Deus e consigo mesmo²⁷. Estas relações fundamentais da vida, por outra parte, se constituem a partir da fé, tanto em seu sentido horizontal, com os seres humanos, como vertical, com Deus²⁸.

1.1. Relação com a criação

Em sua relação com o mundo físico, especialmente através de sua corporalidade, descobre que participa ativamente dele. Um mundo com o qual partilha muitas de suas leis físicas e químicas e do qual toma elementos vitais para sua existência, como o ar, a água e o alimento, entre outros. Francisco de Assis, neste sentido, continua sendo um ponto de referência válido para entender a relação do homem com o mundo físico²⁹. De fato, a exaltação que ele faz da natureza não é instintiva nem romântica, mas o toma do conceito de criação, visão que é desenvolvida pela filosofia e pela teologia no âmbito franciscano³⁰.

● Orientações pedagógicas

A educação franciscana está chamada a integrar as perspectivas: científica, simbólica e religiosa da natureza. Uma visão que permita entender o mundo não só como o espaço natural da existência humana, mas também como a expressão do amor, da sabedoria, do poder, da grandeza e da beleza de Deus; um mundo que, através de suas pró-

26 RFF 37.

27 Cf. CCGG 127, 3.

28 Cf. Sfc 15.

29 Historicamente, a posição de muitos franciscanos de então foi uma resposta ao neo-maniqueísmo, que desprezava a natureza, e cujas teses eram difundidas pelos cátaros e albigenses, como também ao gnosticismo que desqualificava a matéria e o corpo.

30 João Paulo II declarou São Francisco de Assis patrono dos ecologistas, no dia 29 de novembro de 1979.

prias leis físicas químicas e biológicas, se revele como a pegada ou o sinal de uma fonte primeira e última. Um mundo em que seja possível o encontro com Deus, como fundamento, e com todos os outros seres, como irmãs e irmãos bem acolhidos e amados.

Esta visão da natureza se opõe, de um modo radical, à concepção mercantilista, baseada na exploração irresponsável dos recursos naturais e, também, a toda forma de contaminação industrial ou doméstica dos elementos vitais como a terra, a água, o fogo e o ar, entre outros³¹.

A educação franciscana conduz a uma autêntica “conversão ecológica” e a uma verdadeira “justiça ambiental”, sustentada nos valores da expropriação, do respeito e da distribuição solidária dos bens naturais³².

● Linhas de ação

- a) Desenvolver a capacidade de contemplar a criação a partir da ótica dos valores cristãos e franciscanos.
- b) Conhecer e enfrentar os grandes problemas provocados pela contaminação e pelas diversas formas de destruição da natureza.
- c) Oferecer uma educação ambiental em vista a desenvolver uma consciência de proteção e conservação do meio ambiente com os seguintes critérios: humanista, científico e transcendente.
- d) Promover a formação de uma cultura sustentada nas relações de justiça e solidariedade do homem com o meio ambiente.

31 Cf. CCGG 1,2; RFF 86.215.

32 Cf. Sdp p. 59-60; Sfc 35. “As mediações formativas tendem a fazer crescer entre irmãos o sentido e a prática de uma economia de comunhão, que parte de uma visão positiva dos bens da criação, vistos como dons a restituir a partir da solidariedade” (FP08, 18).

- e) Estimular a investigação de um modelo sócio-econômico alternativo baseado na proposta de uma economia solidária³³.
- f) Promover uma forma de vida que seja mais responsável no uso e no consumo dos recursos naturais.
- g) Difundir, em colaboração com as autoridades civis e religiosas competentes, a normatividade vigente sobre o impacto social no meio ambiente e vice-versa.

1.2. Relação com os outros

A relação com os outros seres humanos tem vários níveis. Inicia-se na família e cresce na sociedade em suas diversas especificações de gênero, etnia, cultura e língua. Nestas relações entram em jogo verdades, valores e atitudes que, por sua vez, estão condicionados pela história, pelo direito, pela política, pela economia, pela educação e pela geografia. Estas relações, às vezes, estão carregadas de respeito, de acolhida e de solidariedade; e, outras vezes, de suspeita, de hostilidade e de exploração³⁴.

Em um mundo cultural marcado pela pluralidade e pela diversidade, é necessário formar para a participação ativa na vida social³⁵, com um “senso crítico em relação aos acontecimentos da vida”³⁶ e na abertura “a novas formas de vida e de serviço que se inspirem na visão franciscana do mundo e do homem”³⁷.

A relação com os outros desenvolve-se na família e nas sociedades

33 “Os itinerários de Formação Permanente ajudam e animam os irmãos e as Irmãs a serem testemunhas do Evangelho, com particular atenção à solidariedade, à gestão dos bens e ao crescimento, entre nós e em torno de nós, de uma economia de comunhão” (FP08, 18).

34 A psicologia da educação insiste na relação que existe entre “indivíduo-pessoa e sociedade”. Desta relação, surge a necessidade de formar cidadãos livres, conscientes e reflexivos, capazes de encarnar o ideal do humanismo clássico, para o qual o compromisso com a justiça e a solidariedade é um elemento indispensável do processo educativo.

35 Cf. CCGG 127, 2.

36 CCGG 129, 2.

37 CCGG 131, 1 (cf. RFF 50).

civis em diversos níveis: local, regional e mundial. Em todos eles, se exigem o respeito e a aceitação da pessoa, sua inviolabilidade e direito, como também uma inserção serena e afirmativa nas realidades sociais a partir de seu patrimônio cultural.

Na espiritualidade franciscana, os conceitos de fraternidade e minoridade constituem o centro ou o núcleo fundamental das relações interpessoais. O “ser irmãos” tem seu fundamento na verdade revelada de que todos somos filhos de um mesmo Pai³⁸, e o “ser menores na atitude de Jesus que, sendo o Mestre e o Senhor, assumiu a condição dos servos e se colocou a serviço de seus irmãos³⁹. Em torno destes dois elementos constitutivos se aglutina e se desenvolve uma variedade muito grande de valores humanos, cristãos e franciscanos⁴⁰.

● Orientações pedagógicas

A *fraternidade* é o lugar propício e vital da educação. Ao seu redor giram os valores do encontro, da acolhida, do diálogo, do respeito à diversidade, da igualdade fundamental, da corresponsabilidade, da familiaridade, da confiança, da alegria, do otimismo, da paz e do perdão.

A *minoridade* qualifica e orienta as relações com os outros. Este valor, estando na base de todas as relações⁴¹, nos torna simples e serviais e nos ajuda a aproximarmos-nos do outro com o coração desarmado e disposto a descobrir seu mistério inerente⁴². Um estilo ou modo de relacionar-se que se opõe a toda tentativa de apropriação e de dominação de pessoas e de coisas e, também, a todo complexo de inferioridade ou menosprezo de si mesmo⁴³.

38 Cf. Mt 23, 9. Sfc 26-27.

39 Cf. Jo 13, 13-15.

40 Cf. RFF 43, 70-72.

41 FP08, 17.

42 “A minoridade é uma aposta pessoalmente assumida para que nada em nós interrompa a epifania do outro. É nossa maneira de descalçar-nos constantemente diante do mistério do outro, em quem o Mistério se torna diáfano” (Sfc 28).

43 A minoridade tem como ponto de referência o *despojamento* de Cristo e sua *condição* de Servo, a partir da qual resgata o homem da escravidão (cf. Fl 2,7). Esta atitude nos compromete a trabalharmos “para eliminar todas as formas de injustiça e as estruturas desumanizadoras existentes no mundo” (RFF 25).

No contexto da fraternidade e minoridade, é importante educar na pobreza e na solidariedade: na pobreza, como liberdade e sobriedade diante dos bens materiais; e na solidariedade, enquanto comunhão e restituição dos dons ou bens que cada um recebeu do Senhor⁴⁴. Esta decisão, por suposição, exige uma educação no serviço recíproco, no trabalho sério e assíduo e na transparência da gestão dos bens econômicos⁴⁵.

Os conceitos de fraternidade e minoridade concretizam-se, de uma maneira especial, na tarefa de construir a paz em uma sociedade caracterizada pela violência em suas múltiplas manifestações familiares, sociais, políticas, econômicas, sexuais e até lúdicas⁴⁶. “Em um mundo lacerado pelos rancores, discriminações e exclusões, a oferta de misericórdia, a quem a pede e a quem ainda não consegue fazê-lo, pode converter as Fraternidades em lugares de acolhida para tantos que experimentam julgamento, condenação e marginalização por causa de sua situação ou escolha de vida⁴⁷. “A capacidade de diálogo que nasce sobretudo da comunicação com Deus caracteriza e manifesta o ser irmãos e menores, construtores de paz e reconciliação, enquanto toca todas as relações: com as criaturas, com as pessoas, com a sociedade, com as culturas, com as outras confissões cristãs e com as outras religiões⁴⁸.

44 Cf. RFF 82. O conceito de restituição, na espiritualidade franciscana, fundamenta-se na convicção de que recebemos de Deus todos os bens que possuímos, com a finalidade de partilhá-los com os outros. Quem se apropria ou acumula os bens se converte, segundo a mentalidade de Francisco de Assis, em um “ladrão”. Daqui brotam a urgência e a necessidade de “restituir” os bens a seus legítimos proprietários que não são outros que Deus e os pobres, enquanto privilegiados de seu amor. “Nada nos pertence, tudo é um bem recebido e chamado a ser partilhado e restituído” (Sfz, 19).

45 Cf. RFF 81.

46 A agressividade e a intolerância marcaram, infelizmente, a história recente dos povos dominados por ideologias totalitárias e sistemas econômicos e religiosos opressores. Uma violência que nem sempre se manifesta de uma forma cruenta, mas também na manipulação informativa, no corte pseudo-democrático de liberdades, no fomento de uma sociedade competitiva e em um individualismo e egoísmo exacerbados.

47 FP08, 13. “A Fraternidade, boa notícia e semente do Reino, revela-se também como anúncio e profecia de comunhão em um mundo tão lacerado e ferido e, no entanto, aberto a novos caminhos para a paz, a justiça o respeito às criaturas” (FP08, 15).

48 FP08, 23.

Francisco de Assis apresenta-se como o homem reconciliado com a natureza, com os outros e consigo mesmo, tanto é assim que sua saudação de “paz e bem” se converteu em um lema universal. Por isso, o “espírito de Assis”, criado pelo papa João Paulo II no final do século XX, como uma dinâmica de paz e de diálogo entre as religiões, constitui uma plataforma pedagógica para educar no valor transversal da paz, base de um verdadeiro humanismo cristão de plena atualidade. A paz, portanto, embora seja um dom do reino, é uma tarefa e uma responsabilidade social dos que creem e também dos homens de boa vontade.

● Linhas de ação

- a) Criar um ambiente que permita experimentar os valores inerentes à fraternidade e minoridade.
- b) Promover as atividades educativas que ajudem a superar qualquer forma de exclusão por razões intelectuais, religiosas, econômicas, sociais, físicas ou culturais.
- c) Educar no modo franciscano de enfrentar e resolver os conflitos: o diálogo, a não-violência ativa, a reconciliação e o perdão⁴⁹.
- d) Fomentar o espírito de justiça, de solidariedade, de sobriedade e de serviço recíproco como condições indispensáveis para construir a paz.
- e) Favorecer estratégias que ajudem a descobrir as causas críticas da situação atual do mundo social, político, econômico e religioso.
- f) Educar no uso crítico e adequado dos meios de comunicação de tal maneira que estejam a serviço do crescimento humano e do anúncio do evangelho⁵⁰.

49 “A Formação Permanente é uma ajuda válida para encontrar formas concretas e adaptadas ao nosso tempo, com as quais se possa expressar esta solidariedade, promover a justiça e a paz, salvaguardar a criatura e denunciar, de modo não violento, as estruturas de pecado que oprimem os mais pobres e frácos” (FP08, 16).

50 Cf. RS 139.

1.3. Relação com Deus, Trino e Uno

O ser humano não se esgota em suas relações com o mundo físico e com os seres de sua mesma índole, mas se abre a outra realidade que o transcende, que vai além dos limites espacio-temporais. Não existe uma cultura ou um povo que não tenha desenvolvido alguma forma de relação com a divindade ou o mundo sagrado. A antropologia cultural e a sociologia religiosa oferecem-nos uma gama muito ampla de símbolos e ritos que os povos empregam para manifestar sua relação com o Transcendente. O homem só em sua relação com o Transcendente compreende melhor o mistério de sua própria existência e do mundo cultural e físico que o rodeia; e só a partir daí se lhe torna mais fácil encontrar o sentido último de sua vida.

O ensino religioso, dado em um ambiente de liberdade e de respeito às outras religiões e denominações cristãs, é uma resposta aos grandes interrogativos existenciais da pessoa humana. Um ensino que ajude: os que creem a integrarem sua opção religiosa na sua cultura e a darem a razão de sua fé; aos que estão em busca de um sentido, a refletirem e esclarecerem suas dúvidas; e aos que não creem, a enfrentarem com responsabilidade suas posições.

● Orientações pedagógicas

A pedagogia franciscana desenvolve a relação com o Deus revelado por Jesus Cristo e experimentado por Francisco de Assis. Portanto, promove uma autêntica e profunda relação pessoal com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, baseada em uma aliança de comunhão que abarca toda a pessoa: corpo, mente, coração e história⁵¹. Esta relação permite experimentar o infinito amor de Deus Pai, no Espírito, e conduz “a bucar e encontrar Jesus Cristo nas Escrituras, na história, em todos os aspectos da vida, no irmão e em toda a criação, em uma contínua obra de discernimento para conhecer a ação do Espírito”⁵². Nesta tarefa, os pobres, enquanto são sinais da presença de Jesus Cristo, ocupam um lugar particular, tal como o corrobora a experiência de Francisco de Assis em seu processo de conversão⁵³.

51 Cf. *RFF* 8.

52 *RFF* 12.

53 Cf. *RFF* 80.2

O encontro pessoal com Cristo faz-nos discípulos e missioários. A educação franciscana está chamada, então, a despertar e a formar uma consciência missionária que mova a sair e a ir ao encontro do outro para anunciar-lhe, com a vida e com a palavra, a Boa Notícia da Salvação, à margem de qualquer disputa ou controvérsia⁵⁴. Só na itinerância para o outro e no diálogo é possível partilhar a vida do próximo e realizar os melhores esforços para criar “uma cultura alternativa de sinais capazes de contagiar a alegria e a paixão pela vida”⁵⁵.

● Linhas de ação

- a) Promover o diálogo entre fé, cultura, ciência e vida.
- b) Suscitar “o desejo de conhecer cada vez mais a beleza, a bondade e a verdade de Deus”⁵⁶.
- c) Promover a familiaridade com a palavra de Deus, com os sacramentos e com a tradição da Igreja e da Ordem.
- d) Criar espaços para que cada um possa acolher seu próprio mistério e o do outro, de tal maneira que a história pessoal e social se transforme em lugar onde toma corpo a vida de oração, como o fazia Francisco de Assis⁵⁷.
- e) Favorecer momentos de solidão e contemplação como “um dom e uma exigência para crescer na experiência do encontro vivo com o Senhor”⁵⁸.
- f) Ajudar a abrir-se ao projeto de Deus com o fim de que cada um,

54 Cf. *RFF* 26-29. 84-87.

55 *Sdp* 24.

56 *RS* 14 a. “A sabedoria franciscana não consiste tanto em possuir muitas verdades, mas sobretudo em deixar-se possuir pela Verdade e ser testemunhas autênticas e credíveis da Verdade que nos transcende” (*RS* 100).

57 “A fé não é somente conhecimento, mas diálogo sempre aberto entre um Deus que fala ao homem na história e um homem que responde a Deus a partir da história”. Por isso, “para ser sinal credível, nossa vida de fé deve incluir a pessoa inteira: mente, coração, relações, a maneira como olhamos, encontramos, abraçamos e amamos o próximo” (*Sdp*, 25. 27b).

58 *RFF* 67.

mediante uma resposta livre e responsável, realize seu projeto pessoal: “Senhor, que queres que eu faça?”

- g) Formar discípulos e missionários que sejam testemunhas da palavra encontrada e vivida.
- h) Educar a mente e o coração para reconhecer Jesus Cristo “em seus representantes, os pobres e os crucificados da terra”⁵⁹.

1.4. Relação consigo mesmo

O homem, na relação consigo mesmo, revela-se como uma realidade complexa. Descobre-se que não é um simples corpo entre outros corpos nem tampouco um indivíduo de uma espécie. Igualmente, se percebe como um ser vivente, um microcosmos, que reúne em si todos os graus do ser, como uma pessoa única, irrepetível e aberta ao infinito. Deste modo, compreende que sua exterioridade biológica encerra uma interioridade que não pode ser conhecida nem comunicada totalmente, mas que tem que ser desenvolvida, se não quer perder-se em uma dependência sufocante dos outros.

A relação do homem com sua interioridade – pensamentos, sentimentos, desejos, sonhos, decisões, valores e convicções – e com seu corpo desenvolve-se dentro das relações com os outros. É no meio deles que a pessoa se descobre, se conhece, se valoriza e se projeta. De fato, à medida que ela é interpelada pelas coisas e pela presença das pessoas e de Deus, através do olhar, da palavra ou também de uma expressão de amor e amizade, é que aparecem com clareza e força tanto suas potencialidades como suas limitações: físicas, intelectuais, volitivas, emotivas, afetivas, sociais e espirituais. Sua própria contingência, ela a descobre ao dar-se conta de que, para viver, tem que entrar em recíproca dependência ou interdependência com os outros. No entanto, não é tão somente sua fragilidade que lhe abre para os outros, mas também sua potencialidade ou capacidade de doação.

Embora a pessoa seja consciente de sua identidade quando entra em relação com os outros, isto não significa que não tenha seus pró-

59 Sfc 9.

prios espaços para si mesma. O autêntico significado do “conhece-te a ti mesmo” do pensamento grego é o ponto de partida para a compreensão mais profunda do homem e de suas diferentes relações⁶⁰. Esta capacidade de conhecer-se e de refletir permite a pessoa aproximar-se e entrar no “homem interior” para encontrar aí a Verdade que a transcende e a colocar-se, depois, em relação com seu entorno físico, cultural e religioso. De fato, não há intimidade com os outros sem intimidade consigo mesmo.

● Orientações pedagógicas

A educação franciscana oferece as mediações adequadas ao educando para que possa conhecer seu mundo interior e aceitar-se com serenidade. Este profundo conhecimento favorece um autêntico amor a si mesmo e uma verdadeira autoestima que o ajudam a evitar tanto a supervalorização como o desprezo que conduzem, respectivamente, a uma relação narcisista e megalômana ou também a uma relação pessimista e hostil consigo mesmo.

Nesta relação consigo mesmo, a educação franciscana está chamada a apresentar uma visão positiva do corpo que sublinha a beleza da vida. Pois o corpo humano não é fundamentalmente causa de pecado nem um ídolo, como tampouco um objeto do mercado, mas uma imagem e semelhança do Criador, uma obra de Deus, um sacramento e o templo do Espírito Santo⁶¹.

● Linhas de ação

- a) Criar espaços de encontro e diálogo para que cada um possa confrontar suas próprias convicções e opiniões.
- b) Oferecer ao educando mediações para a reflexão e a meditação encaminhadas ao conhecimento de si mesmo, como condição para que possa entrar em uma comunhão mais estreita com os outros.

60 Cf. CCGG 128; RFF 42.

61 Cf. Rodríguez Carballo J., *Educar: uma grande emergência*, Acta Ordinis (AN CXXVII, N.2 Maio-Agosto 2008), p. 278.

- c) Propor ao educando ações educativas, como as de caráter lúdico, para que aprenda a relacionar-se positivamente com seu corpo e possa comunicar-se, através dele, com os outros e consigo mesmo.

2. A pessoa como unicidade

A pessoa, tanto em seu ser como em sua existência particular, revela-se como um mistério *único e irrepitível*, quer dizer, com uma originalidade e liberdade dignas de um profundo respeito⁶². Do ponto de vista teológico, o ser humano, também, se apresenta como uma realidade feita à imagem e semelhança de Deus, mas sem comparação alguma. Uma realidade inédita que se manifesta no modo peculiar de ser, de pensar, de sentir, de optar e de agir de cada pessoa⁶³. “A pessoa chega a ser protagonista do próprio crescimento pessoal, capaz de decidir como adulto o que quer fazer de sua própria vida. Aberta ao diálogo e ao discernimento com os outros, sobretudo com o Senhor da história, a consciência que é o Sacrário do homem permanece a instância última de suas decisões”⁶⁴.

A unicidade do ser humano está em íntima relação com sua conatural solidão. Uma solidão que ele experimenta, especialmente, nas situações limites da existência, como a enfermidade, a ancianidade, o abandono, a perseguição e a morte⁶⁵. Trata-se de uma dimensão essencial que ele deve ir assumindo com serenidade e realismo ao longo de sua vida.

⁶² Cf. *RFF* 55.

⁶³ O sujeito, com seus desejos e necessidades, encontra-se no centro das expectativas e aspirações cada vez mais difusas nas diferentes culturas do planeta. A visão franciscana do homem permite dialogar com estas, em primeiro lugar pela importância que reserva ao indivíduo, visto como pessoa original e irrepitível, capaz de conhecer e sobretudo de amar” (*FP08*, 5).

⁶⁴ *FP08*, 6.

⁶⁵ Duns Scotus, para explicar a solidão última do ser humano, toma o conceito de Ricardo de São Vitor, que define a pessoa entendida como a “existência incomunicável de natureza intelectual”. E é esta incomunicabilidade que “faz do indivíduo um ser singular e irrepitível”. Realidade que leva Scotus a entender a pessoa como a *ultima solitudo*; uma *solitudo*, no entanto, que nada tem a ver com o sentimento de abandono, mas com a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, onde vive seu próprio mistério e o dos outros e com os quais se relaciona e se comunica (cf. AAVV., *Manual de filosofia franciscana*, 195-197).

Este princípio de unicidade, por outro lado, deixa sem fundamento tanto a doutrina da *New Age* (ou Nova Era), que nega o valor da pessoa ao considerá-la como um dos elementos da natureza cósmica, como também a teoria da reencarnação dos espíritos, segundo o grau da moralidade.

A pluralidade e a diversidade dos seres, sem dúvida alguma, pressupõem uma unidade fundamental entre eles, como acontece, por exemplo, com a estrutura biológica e psíquica do ser humano.

● Orientações pedagógicas

O proceso educativo deve estar atento “à unicidade da pessoa e ao mistério de Deus... para favorecer seu crescimento mediante o conhecimento de si e a busca da vontade de Deus”⁶⁶. Esta convicção se opõe a toda formação diretiva ou unilateral e à educação massificada e uniforme. É importante, por isso, que se respeitem a autonomia e a iniciativa de cada pessoa como também seu próprio ritmo de crescimento⁶⁷. A ação educativa plasma-se, então, só quando ajuda a pessoa a tomar consciência de seu próprio ser e a realizar seu projeto de vida com seus próprios recursos ou potencialidades.

Neste caminho de acompanhamento personalizado, o encontro e o diálogo são as mediações principais. Trata-se de um diálogo que implique a acolhida respeitosa do mistério do outro, a escuta confiada e a compreensão empática de cada situação. Uma confiança que, por certo, vai crescendo com o tempo e que permite um sereno discernimento e avaliação dos distintos momentos do processo educativo⁶⁸.

“Para crescer na fé e desenvolver relações sãs e maduras, é necessário aprender a arte de assumir e elaborar serenamente a solidão nas diversas etapas da vida”⁶⁹. Portanto, a pessoa humana é formada para que descubra e assuma os níveis de solidão que sua existência implica. Uma solidão que a ajude a colocar-se diante de si mesma, de suas

⁶⁶ *RFF* 42 (cf. *CCGG* 129, 1).

⁶⁷ Cf. *RFF* 40.

⁶⁸ Cf. *RFF* 101-104.

⁶⁹ *FP08*, 9.

potencialidades e limitações e, também a abrir-se para os outros seres que se encontram em uma situação semelhante.

● Linhas de ação

- a) Promover o protagonismo do educando como sujeito de sua própria história através do desenvolvimento da autoestima, da capacidade de trabalhar em grupo e do senso crítico e criativo.
- b) Favorecer o reconhecimento e a valorização da originalidade de cada pessoa e cultura.
- c) Cultivar entre o educador franciscano e o educando um estilo de relação baseado na presença, na proximidade, na cortesia e no respeito.
- d) Oferecer ao educador franciscano os recursos pedagógicos e metodológicos para que possa desenvolver um acompanhamento personalizado.

3. A pessoa como unidade integral

O ser humano é concebido como unidade psicossomática e social; uma unidade composta de múltiplas e diversas dimensões e aspectos articulados entre si de um modo harmonioso. Por conseguinte, em cada pessoa singular se integram a dimensão corporal, com todos seus sistemas e subsistemas⁷⁰, a psíquica⁷¹, e a dimensão espiritual, que o coloca em comunicação com o Transcendente⁷².

70 Sistemas: Nervoso, ósseo, sanguíneo, linfático, glandular, digestivo, entre outros.

71 A inteligência, vontade, emoções, sentimentos, imaginação, memória, decisões e opções existenciais.

72 A antropologia bíblica desenvolve amplamente esta concepção de pessoa. Uma doutrina que também está na base da teologia que trata o tema da salvação integral (de *tudo* o ser humano) e universal (de *todos* os homens). Este enfoque, por outra parte, ajuda a superar toda forma de dualismo e as dicotomias (matéria-espírito, fé-vida, palavra-testemunho, pessoas-sociedade, política-religião).

Esta complexidade de elementos diversos e, ao mesmo tempo, sua extraordinária unidade fizeram com que muitos filósofos e teólogos chegassem a definir o ser humano como um *microcosmos* ou a *síntese* perfeita do mundo espiritual e material.

Esta concepção unitária e integral da pessoa se opõe a toda visão fragmentária da mesma. De fato, privilegiar uma dimensão em detrimento da outra é deformar a realidade. Historicamente, os reducionismos causaram muito dano tanto à reflexão como aos estilos de vida. Os dualismos, como o neoplatonismo, o maniqueísmo e o jansenismo, são uma prova disso. Também hoje existem correntes de pensamento que pretendem reduzir o ser humano a um de seus elementos físicos, psicológicos, sociais ou espirituais, como o racinismo (só a razão), o hedonismo (só o prazer), o consumismo (só a produção e o consumo), o coletivismo (unicamente o social ou o político) e o espiritualismo (só o espírito), entre outros.

Orientações pedagógicas

A formação em nossos Centros educativos é integral, quer dizer, compreende o homem em sua totalidade. Esta visão permite ao ser humano desenvolver, de um modo harmonioso, “seus dotes físicos, psíquicos, morais e intelectuais, e inserir-se ativamente na vida social e comunitária⁷³, tanto em seus aspectos teóricos ou intelectuais como práticos ou experienciais⁷⁴.

A educação integral empenha-se em superar qualquer exagero ou polarização que possa surgir entre os distintos modelos formativos. É importante, por isso, que a educação toque ao menos os quatro centros vitais da pessoa: o *coração* (liberdade e decisões), a *mente* (o saber), as *mãos* (a ação) e os *pés* (a realidade em que se vive)⁷⁵. Em todos eles se inter-relacionam e se autoimplicam as dimensões: corporal, psicológica, existencial e espiritual, de cuja maturação depende o futuro educativo da pessoa.

73 RFF 45 (cf. CCGG 136; RFF 44; RS 2).

74 Cf. RFF 47-48, 56.

75 Cf. Rodríguez Carballo J., *Educar: uma grande emergência*, Acta Ordinis (AN CXXVII, N.2 Maio-Agosto 2008), p. 277.

Esta educação integral da pessoa é explicitada no *Projeto educativo institucional*. Seus objetivos e mediações, por isso mesmo, devem levar em conta o ritmo das pessoas, os contextos culturais, sociais, religiosos e “cada um dos aspectos de sua vocação”⁷⁶.

Para alcançar este enfoque, são necessárias algumas reformas significativas não só no campo estrutural e metodológico, mas também na projeção social e na missão educativa franciscana. Esta decisão possibilita oferecer aos Centros educativos menos dotados o acesso ao conhecimento, à formação e à tecnologia, em igualdade de oportunidades para todos.

1. Linhas de ação

- a) Promover uma educação que valorize e aceite a experiência e o conhecimento que o educando tem sobre as diversas dimensões da vida.
- b) Oferecer à Comunidade educativa jornadas de reflexão, encontros, retiros, celebrações litúrgicas e festas comemorativas.
- c) Cultivar, com particular dedicação, a arte da música, a pintura, a escultura, a poesia, a dança e o teatro como meios didáticos para transmitir os valores humanos, cristãos e franciscanos, em um contexto multicultural e plurirreligioso⁷⁷.
- d) Favorecer a prática do esporte e a ginástica, entre outros meios, para cuidar e desenvolver a saúde física, mental e espiritual.
- e) Fomentar o encontro com outras experiências sociais e culturais significativas, especialmente com ambientes de pobreza em nível local, nacional e internacional.

⁷⁶ CCGG 128.

⁷⁷ É necessário que o Governo geral e locais valorizem “a *via pulchitudinis* como caminho para o encontro com o Criador” e que, por conseguinte, animem e sustentem “os irmãos que se dedicam às artes” (*Sdp*, proposta 27, p. 57).

4. A pessoa como história

O ser humano relacional, único e uno, é também história, quer dizer, está situado em um espaço social e cultural particular, sem que isto o impeça de abrir-se à universalidade ou a ir além dos limites de suas fronteiras.

A pessoa é também um projeto aberto, algo que se está fazendo, ou um ser inacabado e em permanente busca do sentido e da plenitude de sua existência. É o *homo viator* por natureza. Esta situação exige dele que reflita e, sobretudo, que tome decisões constantes para ir configurando sua maneira de ser.

O conceito básico que fundamenta e sustenta esta maneira de entender o homem é o da liberdade. De fato, “a pessoa, em relação consigo mesma, com os outros, com as criaturas e com Deus, só cresce através do exercício responsável de sua liberdade no contexto social e cultural concreto em que vive”⁷⁸. Um conceito que, segundo os pensadores franciscanos, abarca tanto a capacidade para pensar razão, como a capacidade de decidir a vontade⁷⁹.

O conceito de liberdade, além disso, por um lado, valoriza os diversos *condicionamentos* do mundo físico, da própria natureza biológica e psíquica e das relações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas; neste sentido, a liberdade se mostra limitada, restringida e ameaçada, embora permaneça aberta à ação de Deus. Mas, por outro lado, a liberdade se opõe a toda forma de *determinismo ou fatalismo metafísico, psicológico e sociológico*⁸⁰.

⁷⁸ *FP08*, 4. “A Formação tende a educar de modo responsável a liberdade, através de um itinerário dinâmico que compreende todas as dimensões da pessoa e da vida cotidiana” (*FP08*, 4).

⁷⁹ Alexandre de Hales sintetiza o conceito de liberdade no de *livre arbítrio*; o arbítrio identifica-se com a razão e o livre com a vontade. O livre arbítrio, por outra parte, é comum a Deus e ao ser humano, embora de modos diversos e por analogia. Nesta mesma direção, se orientam Boaventura, Duns Scotus, Pedro Olivi, Guilherme de Ockham, entre outros (cf. AAVV., *Manual de Filosofia Franciscana*, 171).

⁸⁰ Boaventura, defendendo a liberdade, rejeitou as doutrinas de sua época: o determinismo astrológico, no campo moral; a única inteligência, no do conhecimento, e o do naturalismo, no ontológico.

Esta concepção de liberdade torna possível que a pessoa assuma seu passado com serenidade, enfrente o presente com realismo e se abra ao transcendente. Nela convive, harmoniosamente a experiência dos anos e dos sonhos de uma manhã melhor e profundamente enraizados no cotidiano do caminho. Isto faz com que o ser humano seja herdeiro de um passado, protagonista de um presente e gestor de um futuro.

Esta visão histórica não se refere unicamente às pessoas em singular, mas também à vida dos povos e das Instituições. Esta verdade lhes permite sonhar e buscar as mediações apropriadas, a partir de sua experiência e das condições presentes, para conseguir os objetivos que se propõem.

● Orientações pedagógicas

O Carisma franciscano encarna-se na “realidade concreta de cada cultura, bem como do tempo em que de fato se vive”⁸¹. Nestas condições, a educação franciscana desenvolve um processo de crescimento harmonioso e progressivo dos distintos aspectos que comportam os conceitos de pessoa como relação, unicidade e unidade⁸². Um processo em que a pessoa tem o protagonismo e a responsabilidade última e decisiva de sua própria educação, dentro de “um autêntico sentido de disciplina, dirigida à honesta autocompreensão, ao autocontrole, à vida fraterna e ao serviço”⁸³.

A educação é completa, quando a responsabilidade pessoal é secundada pelos outros setores da Comunidade Educativa e pela sociedade em geral⁸⁴. A educação também está chamada a tomar consciência do tipo de sociedade que está gestando e a formar para um justo discernimento dos elementos positivos e negativos, tanto dos herdados como dos que se originam das atuais correntes de pensamento.

A educação franciscana, para evitar o puro intelectualismo, favorece o “experencial”. As experiências ajudam a compreender as implicações

81 CCGG 130.

82 Cf. RFF 41-42. 51-52.

83 RFF 54.

84 Cf. CCGG 137, 2-3.

práticas do compromisso solidário e a traduzir em obras os conhecimentos aprendidos⁸⁵. Primeiro está a vida, e depois sua interpretação; “a teoria ilumina a vida, por isso mesmo, nunca pode substituí-la”⁸⁶. A pedagogia ativa, direta e em contato com a vida deve ser, por isso mesmo, o necessário complemento do estudo⁸⁷.

● Linhas de ação

- a) Promover uma visão positiva da própria história que permita assumir o passado e o presente para integrá-los no projeto de vida.
- b) Acolher as diversas “manifestações da Verdade e do Bem presentes nas pessoas especialmente nos pobres, nas culutras e nas relligiões”, em “um diálogo aberto e respeitoso”⁸⁸.
- c) Favorecer o estudo da realidade social mediante uma séria investigação interdisciplinar.
- d) Suscitar uma atitude crítica e construtiva que ajude a discernir se a ciência e o sistema educativo estão ou não a serviço dos mais necessitados.
- e) Colaborar ativamente nas transformações sociais em vista de uma mais justa distribuição dos bens, da superação da marginalização dos povos e do respeito aos direitos fundamentais do ser humano.
- f) Manter relações com centros culturais, artísticos e de promoção humana para completar a visão dos temas estudados.

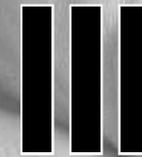
85 Cf. RFF 48.

86 Sfc 10-11.

87 “Enquanto atividade intelectual, o estudo conduz não somente a aprender a ciência e a doutrina, mas sobretudo a alcançar a sabedoria do espírito e a deixar-se possuir pela Verdade e pelo Bem, para amar e louvar o Senhor, a quem pertence todo bem, e servir os irmãos na caridade de Cristo” (RS 4).

88 RS 26 a.

SECRETARIADO PARA O EVANGELIZAÇÃO



**AGENTES
DA EDUCAÇÃO
NOS CENTROS
FRANCISCANOS**

**DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO FRANCISCANA**

A educação trata de considerar os interesses particulares dos sujeitos com as exigências do mundo familiar e social. Até pouca décadas atrás, havia certa unanimidade entre os valores sociais e os familiares e os que se transmitiam nas Instituições educativas. Mas, ultimamente, devido à mudança de época, se tem produzido uma confrontação entre eles. Para alcançar uma nova harmonia, é necessário que cada um dos âmbitos da educação a família, a sociedade e as Instituições educativas assumam seus respectivos papéis e funções.

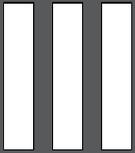
Se a educação não pode estar nas mãos de uma só instituição, então, é urgente trabalhar em rede, que dizer, junto com os outros setores educativos. Este modo de trabalhar ajuda a criar um novo espaço de relações que permita aos jovens assimilarem implícita e explicitamente os diversos valores que se promovem nos âmbitos antes descritos. Daqui se infere que nossos Centros educativos não devem ficar na concepção “escola-instituição”, mas devem dar um passo para a visão de “escola-comunidade educativa”.

Reconhecendo a família como primeira instituição educadora e, por isso mesmo, o dever e direito de fazê-lo, os Centros de educação tão somente ajudam e complementam sua ação formativa. A esses Centros corresponde, por conseguinte, particularmente: cultivar com assíduo cuidado as faculdades intelectuais, criativas e estéticas, desenvolver a capacidade de julgamento, a vontade e a afetividade, promover o senso dos valores, as atitudes justas e os comportamentos adequados, introduzir o patrimônio cultural das gerações anteriores, fomentar o trato amistoso entre os educandos de diversa condição social e econômica e preparar para a vida profissional⁸⁹.

As Instituições educativas franciscanas devem também orientar seus melhores esforços à formação da Comunidade educativa. Uma comunidade que seja capaz de promover um clima de mútua aceitação e respeito, favorecer a participação ativa dos diversos agentes ou sujeitos da educação, partilhar as responsabilidades, valorizar as pessoas e os papéis e assumir os cargos como um serviço.

89 Cf. GE 5.

IDE E
ENSINAI



DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO
FRANCISCANA

Entre os principais agentes da educação, estão: as Entidades, o educando, os docentes religiosos e leigos, o pessoal administrativo e de serviços gerais, a família e os ex-alunos.

1. As Entidades

A Ordem dos Frades Menores está presente no âmbito educativo através das Entidades (Províncias e Custódias) que possuem Instituições afins. Em cada uma delas, as Entidades expressam e dão continuidade aos princípios e valores do Evangelho que foram recolhidos e sistematizados pelas Diretrizes da Igreja e pelo carisma franciscano.

A Instituições educativas, atendendo aos grupos sociais emergentes, estão chamadas, portanto, a refletir a espiritualidade e a tradição das Entidades franciscanas em todo o processo formativo de seus membros, tanto para a Igreja como para a sociedade em que se encontram.

2. O Educando

No caminho formativo franciscano de todas as dimensões do ser humano⁹⁰, o educando é o principal protagonista. Por esta razão, cada estudante, a partir de sua autonomia e iniciativa pessoal, é impelido a construir um projeto de vida que o ajude a encontrar o sentido radical de sua existência e a assimilar os valores correspondentes.

A Instituição educativa franciscana, por sua parte, é responsável por acompanhar os educandos de tal maneira que sejam de verdade os sujeitos e os protagonistas de seu processo formativo, assumindo uma função mais orientadora e preventiva.

3. Os docentes religiosos

Para as pessoas consagradas, a prática educativa é uma vocação, uma opção de vida, uma exigência de justiça e de solidariedade e um

⁹⁰ Cf. GE 31.

caminho de santidade. Ao dedicar-se à missão educativa, as pessoas consagradas comprometem-se, de uma maneira especial, a fazer chegar ao mais necessitado o pão da cultura para que possa realizar-se ou alcançar um nível de vida conforme com sua dignidade e, também, abrir-se ao encontro de Cristo e do Evangelho.

Os frades menores que trabalham na Educação, por sua parte, não o fazem a título pessoal, mas em nome da Fraternidade provincial e local. “A Fraternidade é o lugar primário onde se vive e se anuncia o Evangelho... Cada irmão é evangelizado nela e dela recebe a missão de evangelizar”⁹¹. Este modo de evangelizar em Fraternidade ajuda a descobrir e a potencializar a diversidade dos carismas e a trabalhar na corresponsabilidade para superar os protagonismos individuais⁹².

É importante, além disso, que os religiosos, tendo presente o princípio de subsidiaridade, superem a tentação de assumir exclusivamente as tarefas administrativas. N caso de incorrer nela, poderiam colocar em risco seu compromisso eminentemente missionário e também debilitar a fé da Comunidade educativa.

4. Os docentes leigos

Os docentes leigos, com o passar do tempo, vem cobrando uma importância cada vez mais relevante⁹³ no âmbito da educação. Sua presença e participação ativa são imprescindíveis para que os Centros educativos possam levar à prática seus projetos e iniciativas, independentemente de que eles sejam ou não pessoas que creem.

A Igreja, especialmente a partir do Concílio Vaticano II, tem valorizado muitíssimo o trabalho dos leigos como docentes, diretores, administradores ou auxiliares. Este reconhecimento se manifesta, de uma maneira particular, na Declaração sobre a Educação Católica, onde

⁹¹ RFF 19.

⁹² A metodologia missionária que encontra maior resistência é precisamente a do Evangelho, o ir dois a dois pelo mundo, indo reconciliados em fraternidade” (Sdp 45).

⁹³ “Com o nome de leigos se designam aqui todos os fiéis cristãos, à exceção dos membros da ordem sagrada e os do estado religioso aprovado pela Igreja” (LG 31).

também admira o trabalho educativo dos cristãos das outras Igrejas e dos não cristãos⁹⁴.

A presença e a ação dos leigos nas Instituições educativas franciscanas é uma realidade cada vez mais crescente. Esta constatação compromete os frades menores a buscarem e promoverem a sua colaboração e a cultivarem “adequadamente sua formação”⁹⁵, de tal maneira que os ajude a conhecerem e a valorizarem seu carisma, seu ministério e sua contribuição original para a educação.

Os docentes leigos são, antes de tudo, educadores/ formadores. Por conseguinte, seu trabalho vai além da simples transmissão de conhecimentos. Esta consciência os compromete a orientarem os educandos para a verdade e o bem através do conhecimento e da prática dos valores humanos, cristãos e franciscanos.

5. O pessoal administrativo e de serviços gerais

Tanto o pessoal administrativo como o de serviços gerais, através de suas respectivas competências e responsabilidades, constituem um elemento importante na Comunidade Educativa. Sua colaboração com a Direção, com os professores, com os educandos e com as famílias, é muito significativa para a realização do Projeto educativo institucional.

O sentir-se parte de uma obra educativa comum e também membros da Comunidade educativa fazem com que seu trabalho tenha um particular valor educativo. Esta consciência os compromete a serem testemunhas de fé e exemplo de colaboração, de solidariedade, de hospitalidade, de respeito e de competência em suas respectivas tarefas.

6. A família

A Família, segundo a concepção cristã, constitui a Igreja doméstica, onde se aprende e se vive tanto a fé em Deus como também os valores éticos e culturais.

94 Cf. GE 7-8.

95 *Prioridades*, proposta 10, p. 35.

A Instituição educativa, como já se mencionou, não substitui a família em sua tarefa educativa, mas tão somente a estimula, sustenta, acompanha e complementa. Deste ponto de vista, a família se integra ao sistema educativo em seu processo de abertura, de diálogo, de participação e colaboração. A investigação educacional dos últimos tempos demonstra que a presença da família melhora o rendimento e o comportamento dos estudantes e reforça sua autoestima.

A Catequese Familiar, as Escolas para Pais, as aulas como Comunidade de vida, entre outros espaços de socialização e reflexão coletiva, podem ajudar a família a melhorar sua capacidade e disponibilidade para colaborar na educação de seus filhos, levando em conta a identidade do Centro educativo que livremente escolheram para eles.

As associações das famílias, por sua parte, têm como principal tarefa a consecução dos objetivos traçados no Projeto educativo institucional. Elas se constituem em Associações sem fins lucrativos e de acordo com a legislação vigente de cada país.

7. Os ex-alunos

A estreita colaboração entre a Instituição educativa e os ex-alunos pode gerar algumas pautas para diagnosticar melhor o impacto que produz o estilo educativo em nível pessoal, familiar, comunitário e profissional. Este modo de avaliar a qualidade de vida ajudaria a realizar os reajustes necessários e a potencializar os elementos educativos positivos.

Em cada Centro educativo é conveniente, além disso, envolver os ex-alunos nas tarefas pastorais e sociais; isto lhes permitiria confrontar sua formação com as responsabilidades específicas em seu ambiente cultural, familiar, social e político. Com este fim, é necessário que cada Instituição educativa promova a criação ou o fortalecimento das Associações de ex-alunos.

SECRETARIADO PARA O EVANGELIZAÇÃO

IV

MEDIAÇÕES DA EDUCAÇÃO FRANCISCANA

DIRETRIZES GERAIS
PARA A EDUCAÇÃO FRANCISCANA

Os seres humanos vão se construindo a partir das práticas sociais e dos discursos de cada tempo histórico. Nesta articulação, intervêm diversas teorias filosóficas, psicológicas e sociais, que são aplicadas à educação. Dentro deste contexto, as mediações pedagógicas estão representadas tanto pelas ações pessoais e sociais como pelos recursos didáticos que se dão dentro e fora em todo o processo de ensino e aprendizagem.

A educação franciscana, com a finalidade de articular a fé com a cultura, vale-se também de diversas mediações educativas. Entre estas, adquirem um papel de suma importância o Projeto educativo institucional, a formação permanente dos educadores e as estruturas de animação das Entidades que possuem estes Centros educativos.

1. Projeto Educativo Institucional

O Projeto educativo institucional tem como objetivo principal formular, com a maior clareza possível, a identidade, a finalidade e a missão da Instituição educativa em seus diferentes momentos dinâmicos e criativos, tendo presentes os contextos específicos nacionais, culturais, sociais e religiosos nos quais se situa. Igualmente, deve indicar as mediações e as estratégias necessárias para que os valores humanos, cristãos e franciscanos se reflitam nas formas particulares de ser, de pensar, de sentir e de agir de toda a Comunidade educativa⁹⁶.

O Projeto educativo institucional, longe de ser um documento a mais ou a repetição de modelos pré-existentes, é um processo permanente de elaboração individual e comunitário da Instituição educativa, no qual cada um de seus membros está convidado a contribuir com seu profissionalismo, inteligência, energia e criatividade. Esta maneira de agir suscita novas visões e formas de ação, favorece o senso de pertença e facilita a resolução dos problemas essenciais e existenciais. Igualmente, o simples fato de intervir neste processo constitui um momento forte de formação e de crescimento para a Comunidade educativa.

O Projeto educativo institucional, além das atividades acadêmicas, administrativas e pastorais, deve promover a investigação científica

⁹⁶ Cf. Rodríguez Carballo J., *Educar para la vida em plenitude*, Acta Ordinis (AN CXXVI No.3 Setembro-Dezembro 2007), p. 496.

e também a reflexão, especialmente a que tem a ver com o tipo de pessoa que se está formando para a sociedade em que se vive, em um processo constante de avaliação.

Na elaboração do Projeto educativo institucional, é importante que se levem em conta as seguintes orientações:

- a) A vida e as Diretrizes da Igreja universal e local em que está inserido o Centro educativo.
- b) Os princípios teológicos, filosóficos, espirituais e pedagógicos do Carisma franciscano.
- c) A legislação e as normas de cada região ou país.
- d) O contexto social, cultural, político, econômico e religioso de cada região e nação.
- e) Os critérios de seleção e formação dos educadores de acordo com a identidade e a missão da Instituição educativa e da Entidade.
- f) A relação com as outras Instituições educativas da Igreja local, particularmente com a família franciscana e com as organizações afins da sociedade.
- g) As diversas formas e modelos de ensino-aprendizagem, segundo a identidade dos Centros educativos e a Entidade.

2. Formação permanente dos educadores

A formação permanente dos educadores é um dos serviços mais importantes que os centros educativos podem oferecer. Uma formação que os ajude a aprofundar a visão cristã e franciscana do mundo e da cultura e a adquirir uma pedagogia coerente com os princípios evangélicos e franciscanos, privilegiando a reflexão, a criatividade e a colaboração.

Neste processo formativo, além disso, é de sumo valor o desenvolvimento humano dos educadores, especialmente nos aspectos psicológicos de sua personalidade, no conhecimento de si mesmos, no senso de

pertença à Instituição educativa e no planejamento, desenvolvimento, monitoração e melhoramento de seus próprios ensinamentos. É muito conveniente e oportuno, além do mais, que se fortaleçam alguns princípios básicos como: a autonomia, que permita agir com critérios próprios; o profissionalismo a ser desenvolvido com solvência científica e técnica; a eficiência para a consecução dos objetivos; a coerência e integração na articulação dos objetivos e as decisões; e a avaliação realizada com critérios de qualidade.

● Linhas de ação

- a) Construir relações interpessoais entre os membros da Comunidade educativa, baseadas nos valores humanos, cristãos e franciscanos.
- b) Elaborar um plano de formação integral para o pessoal docente, administrativo e de serviços gerais à luz da espiritualidade e da pedagogia franciscana.
- c) Potencializar a capacidade crítica e criativa dos Educadores como guias e agentes de mudança da sociedade.

3. Estruturas de animação da pastoral

Em um mundo cada vez mais complexo e secularizado, a Pastoral não se mede tão somente pelas respostas aos desafios antes mencionados, mas, sobretudo, por sua capacidade de gerar propostas a partir do Evangelho e que causem impacto e suscitem mudanças de atitudes na vida das pessoas e de grupos aos quais atende e acompanha.

A animação da Pastoral nos Centros educativos, por sua parte, inscreve-se dentro da missão evangelizadora de cada Entidade e faz parte do secretariado provincial para a evangelização⁹⁷.

Com o propósito de concretizar esta tarefa evangelizadora, é necessário que cada Centro educativo tenha uma estrutura de animação da Pastoral com seus respectivos responsáveis. Entre seus principais

⁹⁷ Cf. *EEGG* 48, 2.

objetivos, estão os seguintes: a) organizar institucionalmente o projeto evangelizador a partir das motivações das pessoas que estão dispostas a abrir-se à fé e ao anúncio do Evangelho; e b) garantir a justa e harmoniosa relação jurídica e pastoral entre os Centros educativos e a Entidade à qual pertencem.

O Diretor do centro educativo, por sua parte, é o primeiro responsável da animação da Pastoral. Esta tarefa evangelizadora, ele a realiza em corresponsabilidade com todos os membros da Comunidade educativa e em diálogo com as Autoridades da Entidade.

Cada Instituição educativa, igualmente, tenha um Animador da Pastoral nomeado pelo Governo da Entidade. A tarefa principal do Animador, em comunhão com o Diretor do Centro educativo, é promover e coordenar as diversas iniciativas encaminhadas ao anúncio da Palavra e ao acompanhamento no crescimento da fé e do compromisso humano e cristão da Comunidade educativa.

● Linhas de ação

- a) Elaborar um plano de animação para a Pastoral, de acordo com as características culturais, sociais, econômicas e linguísticas, à luz da espiritualidade franciscana.
- b) estimular a organização da pastoral de jovens, familiar e vocacional, onde se apresente com clareza, audácia e respeito a *forma de vida* franciscana⁹⁸.
- c) Favorecer o exercício de avaliação sobre a incidência/ impacto da missão evangelizadora na Comunidade educativa.
- d) Ajudar a estabelecer as políticas e os procedimentos para a seleção dos Agentes educativos.
- e) Esclarecer e sustentar uma justa relação de autonomia e dependência entre a Instituição educativa e a Entidade dos irmãos.

98 Cf. EEGG 57.

CONCLUSÃO

Depois de ter indicado as principais Diretrizes gerais para a Educação Franciscana, oferecemos, de uma maneira sintética, alguns elementos que poderiam ser ampliados em cada Instituição educativa, segundo seus próprios interesses:

Os desafios sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos atuais continuam sendo o contexto propício em que devem ser encarnados os valores humanos, cristãos e franciscanos através de um Projeto educativo institucional.

As contribuições da antropologia teológica, filosófica, física e cultural, que o pensamento franciscano desenvolveu ao longo dos tempos, ajudam a precisar com maior clareza o paradigma de homem e de sociedade que a proposta educativa franciscana quer construir.

As orientações pedagógicas comprometem os religiosos e os leigos educadores a colocarem seu talento a serviço da tarefa educativa, tendo como eixo transversal a Palavra de Deus que, por sua vez, os coloca em uma relação de filiação com Deus e de fraternidade com as demais criaturas animadas e inanimadas.

As linhas de ação abrem as portas a novas propostas educativas e a modelos alternativos de gestão pedagógica e administrativa, cujo marco operativo depende de sua própria realidade.

Concluimos este subsídio, fazendo nosso o convite do Papa Bento XVI a todos os educadores cristãos: ser testemunhas da esperança, alimentar o testemunho com a oração e viver a verdade que se propõe aos estudantes. Compete, agora, a cada um de vocês, educadores e educadoras, ajudar os educandos “ a conhecerem e amarem Aquele que encontraram, cuja verdade e bondade vocês experimentaram com alegria”⁹⁹.

99 Bento XVI, *Discurso na Universidade Católica da América* (Washington, 17 abril 2008).

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	3
INTRODUÇÃO.....	7
I. DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO	11
1. A globalização.....	14
2. O urbanismo	15
3. As relações familiares.....	16
4. Uma nova ética	17
II. VISÃO ANTROPOLÓGICA E PEDAGÓGICA FRANCISCANA	19
1. A pessoa como relação	21
1.1. Relação com a criação	22
1.2. Relação com os outros	24
1.3. Relação com Deus, Trino e Uno.....	28
1.4. Relação consigo mesmo	30
2. A pessoa como unicidade.....	32
3. A pessoa como unidade integral	34
4. A pessoa como história	37
III. AGENTES DA EDUCAÇÃO NOS CENTROS FRANCISCANOS	41
1. As Entidades	44
2. O Educando	44
3. Os docentes religiosos.....	44
4. Os docentes leigos	45
5. O pessoal administrativo e de serviços gerais	46
6. A família	46
7. Os ex-alunos	47
IV. MEDIAÇÕES DA EDUCAÇÃO FRANCISCANA.....	49
1. Projeto Educativo Institucional	51
2. Formação permanente dos educadores	52
3. Estruturas de animação da pastoral.....	53
CONCLUSÃO.....	55
ÍNDICE.....	56